



Sob o céu de Chacaltaya¹

Under the Sky of Chacaltaya

Arden Zylbersztajn*

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | Florianópolis, Brasil

ardenzyl@gmail.com

Dedicado à memória de Susana e
Fernando de Souza Barros

— O céu daqui tem mais estrelas, não parece?

Do lado de fora do laboratório, envolvidos pelo ar gelado dos altos da cordilheira, eles haviam observado o sol desaparecer no horizonte e as estrelas tornarem-se visíveis, enquanto conversavam sobre os trabalhos do dia. A mudança de assunto não foi surpresa para ela.

Pronto, agora o *boludo* está querendo ser romântico, pensou Sarita. Não que ele não fosse simpático. Moreno, olhos escuros, algo magro para altura, mesmo assim atraente. Mas se ela estivesse buscando um *novio* como gostariam *mami* e *papi*, um bom moço de uma boa família judia, *por supuesto*, para casar e lhes dar netos, teria permanecido em Buenos Aires, desfilando os seus olhos verdes pelas lojas da Florida e tomando *té* com *media-lunas* nos cafés da Corrientes. E não estaria nos arredores de La Paz, a mais de cinco mil metros de altura, com as botinas enfiadas nas neves eternas do topo do Chacaltaya. E nem teria sofrido os males do *soroche*, tontura, enjoo e dor de cabeça, para os quais os chás de coca e as folhas secas que mascava, conforme receitado pelos locais, não haviam sido mais do que pobres paliativos. Todavia o sacrifício valia a pena, afinal ela estava em lugar icônico para qualquer aspirante a físico nuclear que se preze. Onde, poucos anos antes, César Lattes havia detectado mésons- π em chapas fotográficas expostas a raios cósmicos.

Olhando para o céu estrelado, ela recordava de quando havia tentado explicar para o pai o que era um méson- π , e ele pareceu ter entendido, tanto quanto se podia esperar que o proprietário de uma lojinha no Once pudesse entender sobre a estrutura do núcleo atômico. O que ele nunca entendeu mesmo foi por que sua filha preocupava-se tanto em saber do que era feito o universo.

¹ Agradeço à Ileana Greca pela revisão dos termos em espanhol.

* Doutor em Ensino de Ciências pela University of Surrey e Professor aposentado do Departamento de Física da Universidade Federal de Santa Catarina.



— Isso quem sabe é Deus. Por que estudar Física? Você podia ser uma boa professora de crianças, com a sua cabeça podia até estudar Medicina, mas Física, por que Física? Isso é coisa de homem.

— Para descobrir o que Deus sabe, como Einstein. E houve mulheres importantes na Física, Madame Curie e a sua filha, as duas ganharam o prêmio Nobel, e a Lise Meitner, essa era judia da Áustria, que só não ganhou o Nobel porque teve de fugir dos nazistas, e depois a contribuição dela para a descoberta da fissão do urânio não foi devidamente valorizada pelo comitê que atribuiu o prêmio.

“Nobel, schnobel, e daí? Einstein teve de ir embora da Alemanha, senão acabava no forno. O que adiantou ele descobrir o que Deus sabe?”

— E você sabia que um monte de nazistas fugiu para cá depois que a Alemanha perdeu a guerra, está cheio deles em Bariloche, Perón os abrigou. Não sei como você pode gostar do Perón, *papi*.

— A Argentina nos recebeu. E Perón tem sido bom para a gente. Conseguimos progredir, temos uma loja e o apartamento em Palermo, e você pôde estudar Física para descobrir o que Deus sabe, ironizou o pai.

— Ele é um antissemita de *mierda*, assim com a maior parte dos seus oficiais.

— Onde você aprendeu a falar desse jeito? Só pode ter sido na universidade, aqui em casa é que não foi.

— *Perdoname mami*, eu devia ter dito que Perón é um *potz*, em fino iídiche.

— Por que ela não pode ser uma boa menina judia e se casar com um médico, um advogado, um engenheiro vá lá, o que fizemos de errado? – perguntava o pai.

A mãe dava com os ombros e aconselhava:

— Não se preocupe, qualquer dia ela toma juízo e arruma um bom rapaz, é só as amigas começarem a casar, você vai ver.

Palavras ditas sem nenhuma convicção, tão somente para baixar a ansiedade do marido. Ela sabia que com a filha as coisas nunca eram previsíveis.

— Eu era como a Yentl, e os livros de Física eram o meu *Talmud* e a minha *Torá* – comparava-se Sarita, muitos anos depois, ao assistir ao filme baseado no conto do Bashevis Singer – Sim, igualzinha à Yentl... só que mais teimosa – concordava sorrindo o marido.

Ela sentia-se bem confrontando os pais, ainda que com uma ponta de arrependimento, pois sabia que viviam para ela. Um dia, quando fizesse algo importante em Física, *los viejos* sentiriam orgulho da menina que criaram.



Estar em Chacaltaya fazia parte do caminho para isso. Não que ela houvesse planejado tantos detalhes, mas é que apenas parcialmente escrevemos os roteiros de nossas vidas, o resto é escrito pela vida mesmo. Primeiro, o convite para estagiar durante um ano na Universidade de São Paulo, com uma bolsa conseguida por um dos seus professores que lá havia passado um período como visitante.

— *San Pablo?* Por que ir para *San Pablo*, minha filha?

— Porque meu professor disse que a Física na Universidade de São Paulo está mais interessante do que aqui. Chegaram alguns novos professores do exterior, vai ser bom para a minha carreira, eu vou para São Paulo.

Sarita não encontrou, na São Paulo de 1953, a elegância europeia das construções, das avenidas de Buenos Aires e das estolas de pele e dos ternos bem cortados dos seus habitantes mais ricos, mas algumas coisas lembravam sua terra. A garoa, o frio do inverno e, principalmente, o sotaque paulistano, meio cantado, que é o equivalente brasileiro do espanhol italianado dos portenhos. Gostava de caminhar pelas alamedas do parque Trianon, não muito distante de onde funcionava o Departamento de Física naquela época, conversando com David Bohm, um norte-americano com trabalhos importantes no currículo, que cumpria exílio involuntário no Brasil, rechaçado dos Estados Unidos pela perseguição macarthista. Ela gostava de ouvi-lo falar sobre a teoria das variáveis ocultas que estava desenvolvendo, ainda que considerasse os mistérios da mecânica quântica por demais abstratos. Os experimentos da Física nuclear tinham mais a ver com seu espírito prático, o que fez com que ficasse interessada em juntar-se a um pequeno grupo de jovens físicos, que iriam estagiar no laboratório de raios cósmicos instalado recentemente pelo Brasil em Chacaltaya.

No chacoalhante DC-3 da FAB, com bancos militares dispostos ao comprido ao longo das laterais, notou o *boludo* embarcado no Rio, que não tirava os olhos dela. Que puxou conversa nas paradas para reabastecimento em Bauru, Campo Grande e Corumbá. Que sentou ao seu lado no desconfortável micro-ônibus que os conduziu de La Paz até Chacaltaya, pela estreita estrada de terra e pedras serpenteando a beirada dos precipícios andinos. E que fazia questão de trazer-lhe uma xícara de café nos intervalos das sessões de trabalho.

Na verdade, o *boludo* nada tinha de *boludo*. Dos novatos, ele era o que mais conhecia sobre detecção de reações nucleares em placas expostas a raios cósmicos, que havia estudado com o próprio Cesar Lattes no Rio de Janeiro. Ela nem sabia direito porque usava essa *mala palabra* quando pensava nele. Talvez porque pensasse nele mais do que gostaria, o que desviava sua atenção dos aspectos científicos da viagem.

— Tantas estrelas como em qualquer outro lugar. O ar é menos denso e é mais limpo, e não tem as luzes da cidade para ofuscar a luminosidade delas, por isso, a visão é



melhor. Mas, na verdade, tem tantas estrelas quanto em São Paulo, no Rio ou em Buenos Aires.

— Ah, eu tenho certeza de que agora aqui tem mais estrelas. E dá até para ouvi-las.

— Ouvir estrelas? Isso é para astrônomos, e nós somos físicos nucleares. E precisaríamos de um radiotelescópio, o que muito caro para os nossos países.

— Tem um brasileiro que disse que é possível ouvir estrelas sem radiotelescópios, ele não era um cientista, era um poeta! – e declamou por inteiro o soneto de Bilac, “Ora direis ouvir estrelas... E conversamos toda a noite, enquanto a Via Láctea, como um pátio aberto... pois só quem ama pode ter ouvido, capaz de ouvir e de entender estrelas.”

— Via-Láctea, como um pátio aberto, bonita imagem.

— Pátio, como isso – e ele estendeu o poncho que havia comprado na feira *quéchua* sobre os ombros de Sarita.

E ela deixou ficar o braço que aquecia seus ombros.

— *Boludo*.

E quando Sarita retornou a Buenos Aires não foi para ficar, foi para despedir-se dos pais, para comunicar que estava indo para a Inglaterra por quatro anos.

— Inglaterra? Quatro anos?

— Vou casar e ele ganhou uma bolsa de estudos para fazer doutorado em Física nuclear.

— Casar? Ele é... – a mãe nem precisou terminar a frase, e tampouco teria sido necessário que a filha respondesse, porque ela já sabia a resposta.

— Não *mami*, ele não é judeu.

— Um negro brasileiro...

— *Papi*, ele é moreno, mas não é negro. E se fosse, qual seria o problema? Sabe como é a genética, de repente, você pode ter lindos netos negros!

— Sarita, não fale assim, quer matar o seu pai, quer que ele tenha um ataque do coração?

El papi, todavia, já havia deixado o apartamento para tomar um bom café e fumar um cigarro no bar da esquina.

Recebido em: 02/02/2018.

Aprovado em: 02/03/2018.